



# A TRANSFERÊNCIA E O SUJEITO SUPOSTO SUSPEITO

## TRANSFERENCE AND THE ALLEGED SUSPECT SUBJECT


Fídias Gomes Siqueira **1**

**Resumo:** Este trabalho busca apresentar aos leitores a pesquisa teórica realizada pela autora sobre o conceito psicanalítico de transferência. No livro, a autora retoma esse princípio conceitual na teoria de Freud e Lacan e o atualiza a partir dos efeitos recolhidos na clínica e nas políticas públicas, oferecendo importantes coordenadas para a respectiva aplicação na clínica contemporânea.

**Abstract:** This review seeks to present to readers the theoretical research carried out by the author on the psychoanalytic concept of transference. In the book, the author takes up this conceptual principle in the theory of Freud and Lacan and updates it from the effects collected in the clinic and in public policies, offering important coordinates for its application in contemporary practice.

---

**1** Pós-doutor pela PUC Minas (2021). Doutor e Mestre em Psicologia (Estudos Psicanalíticos) pela UFMG, Especialista pela Fundação João Pinheiro e Graduação pela PUC Minas. Coordenador do Programa de Extensão Já É do Núcleo PSILACS/UFMG. Professor Adjunto I do Curso de Especialização Lato Sensu em Psicologia Jurídica da PUC Minas. Psicanalista. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6593784384852680> ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3669-9282> E-mail: [fidas.siqueira@gmail.com](mailto:fidas.siqueira@gmail.com)



Em sua obra “Da interpretação: ensaio sobre Freud”, Paul Ricoeur<sup>1</sup> (1977) se interessa por uma reflexão em relação ao pensador Freud, mais do que por uma discussão ou crítica à psicanálise. Mesmo destacando o lugar da teoria psicanalítica e a reflexão que esta exerce sobre a cultura, o interesse dele é o de situar Freud entre aqueles pensadores que questionaram a razão ocidental. Por esse motivo, o definiu como o “mestre das suspeitas”.

Pode-se dizer, então, que a suspeita encontra lugar no cerne do pensamento psicanalítico desde os seus primórdios. Mas, na atualidade, o que a diferencia no interior dessa teoria é o lugar que passa a ocupar. É em torno disso que o livro de Andréa Guerra se desenvolve, tendo em um dos conceitos fundamentais – a transferência – o ponto de partida para uma investigação que oferecerá novas coordenadas para operar no campo clínico-político.

A autora encontra uma possibilidade de indagação e atualização do conceito de transferência na psicanálise, uma vez que, como analista, se faz também presente nos diversos espaços da cidade, atenta aos deslocamentos necessários à aplicabilidade da psicanálise em um mundo revirado pelos movimentos que resistem à herança hegemônica deixada pelo mundo colonial.

Se o livro dela integra uma coleção sobre psicanálise e decolonização, é porque a autora toma esse conceito fundamental e o articula ao aspecto geopolítico atual que interroga sobre os efeitos da colonização e sobre as possibilidades em torno da decolonização. Encontrando o ponto de partida na suspeição, a autora propõe uma investigação e atualização acerca da transferência, articulando-o à lógica da suspeita que, nos tempos atuais, orienta o laço social e nossas vidas. Como chave de leitura de sua atualização teórica, também remete e articula as consequências e resquícios da colonização, da escravização, do patriarcado, das relações opressivas de gênero, raça e sexo.

Situando a suspeita em relação à subjetividade contemporânea e ao que se colhe das lógicas societárias neoliberais, identifica-se a contribuição da autora para ampliar o debate no interior da psicanálise. As indagações e questões levantadas, e endereçadas ao leitor, tornam o livro provocativo e inquietante. E não seria diferente vindo de uma autora que se dispôs a correr riscos e produzir deslocamentos com a teoria psicanalítica. Pode-se dizer que acertou na estruturação e articulação lógica do livro, realizando um trabalho que não poderia mais ser adiado no interior da psicanálise.

O texto é denso, complexo e coloca o leitor a trabalho. A perspectiva de atualização conceitual causa uma expectativa no leitor afeito às questões com as quais nos deparamos na clínica, nas instituições e na política, a saber: racismo, machismo, misoginia, sexismo, transfobia, homofobia, segregação, branquitude e tantos outros.

Trata-se de um texto que descortina as condições geopolíticas do mundo e apresenta o abismo que separa e entrelaça o Norte e o Sul global. Frente a essas linhas abissais, a autora é enfática ao indagar a universalidade do inconsciente sob a ótica da razão moderna e do processo de colonização que estruturou a dominação, o aniquilamento, o poder, o controle dos corpos e a distribuição do gozo.

O livro é recheado de questões inquietantes e convoca a clínica psicanalítica a responder de outro lugar, sem perder o rigor teórico que é peculiar à autora. Por isso, organiza a apresentação do conceito de transferência a partir do que foi estabelecido por Freud e depois por Lacan, estabelecendo uma leitura atual da teoria, articulando-a aos (des)compassos do nosso tempo e às mudanças geopolíticas.

Se o livro é fruto de um desassossego, cabe ressaltar que suas questões inquietarão o leitor em busca da novidade encontrada na proposição e formulação de um giro subversivo no interior da teoria. Ele permite ler e enfrentar as lógicas discursivas dominantes da atualidade. Nesse trabalho, também se destaca um método de pesquisa orientador para a clínica e para a ética do psicanalista.

No capítulo I, denominado “sobre o amor... de transferência em Freud: como tudo começou”, a autora percorre o texto freudiano e indica o passo a passo da construção conceitual, situando o lugar do amor como motor do tratamento àquela época, trazendo também as atualizações do retorno de Lacan a Freud. Cabe destacar que a autora extrai também a sutileza e a delicadeza de alguns recursos de que se valeu Lacan para atualizar a teoria psicanalítica, de modo que ao apresentar um trabalho tão denso, confere leveza sem perder o rigor conceitual.

Caberá ao leitor ficar atento à constituição das trilhas que levam à revisão teórica precisa e

1 Ricoeur, Paul. (1977). Da interpretação: ensaio sobre Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora.

sustentada em um método, pois poderá extrair muitas consequências para sua prática. Ao organizar metodologicamente a revisão conceitual, a autora apresenta importantes dicas clínicas para operar na clínica e na política, reafirmando o lugar da psicanálise como importante ferramenta para lidar com as formas hegemônicas de normatização do gozo.

Ao recuperar e realocar o conceito em uma revisão precisa, a autora também se apresenta sem medo. Enfrenta e expõe as condições a serem enfrentadas pela psicanálise frente à hegemonia do poder, inclusive do psicanalista em relação ao poder que a transferência lhe confere. Desse modo, as questões apresentadas provocam os psicanalistas que resistem atrás do *front* teórico. Ao enfrentar o temor de colocar em questão um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, a autora não se esquivava e aponta o que a transferência vela e desvela, indicando como esse conceito se torna uma lente que amplifica as condições de leitura da herança colonial e das consequências no empreendimento capitalista neoliberal que acossa o Sul desde o Norte global.

O leitor encontrará a novidade na possibilidade de operar em relação às consequências do patriarcado, da misoginia, do sexismo, da transfobia, da homofobia, do racismo e na possibilidade de escutar e considerar esses aspectos na clínica privada. Depois dessa leitura, não é mais possível tapar os ouvidos para questões urgentes que pareciam não surgir nas nossas clínicas.

Esta atualização realça a importância da transferência hoje como recurso clínico e também político. Este livro indica sem receio que, advertidos dos efeitos da colonização no Sul global, torna-se difícil operar sob transferência e tapar os ouvidos. O psicanalista atento às questões de sua época deve considerar o real e o gozo devastadores que engendram políticas fascistas, segregatórias, racistas e sustentam lógicas de extermínio, levando em conta aquilo que poderá extrair com o giro decolonial.

No segundo capítulo, intitulado “da metáfora bélica como estrutura da direção do tratamento”, a autora constrói seu método de pesquisa a partir da existência de diversas maneiras de ler um tema. E, por mergulhar na complexa trama conceitual da psicanálise, justifica-se o recurso para a atualização conceitual a partir de Freud e Lacan.

Estes últimos, enquanto construíam ou reformulavam suas teorias, estiveram cara a cara com o contexto de duas guerras mundiais, colhendo seus efeitos no mundo e formalizando suas concepções teóricas. Por isso, o paradigma da guerra formulado por Carl von Clausewitz serviu a Lacan na formulação de orientações acerca do manejo da transferência na clínica. Mas o leitor também encontrará os recursos táticos do manejo freudiano da transferência a partir do jogo de xadrez e o manejo lacaniano pautado no jogo de *bridge* como importantes indicações que equivalem o campo da clínica a uma batalha.

Essa articulação é o que possibilita novos deslocamentos. Por isso, este livro nos apresenta o novo paradigma da guerra e sua aplicabilidade em articulação com uma nova lógica transferencial que nos permite ler e interpretar os efeitos clínicos e políticos, acima e abaixo das linhas que separam o Norte e o Sul global, nesse contexto de globalização, neoliberalismo e suas novas tecnologias de poder.

A análise da aplicabilidade da metáfora bélica e os desvios na transferência hoje são proposições atentas à letra de Freud e Lacan. Por isso, o recurso à atualização do paradigma de guerra proposto por Grégoire Chamayou compõe o novo nesse estudo. Se há uma mudança no âmbito da guerra, trata-se da passagem do duelo à caça. Mudança que é acentuada pelo desenvolvimento tecnológico, sendo o drone o equipamento que modifica completamente a perspectiva da luta.

O que apreendemos neste novo paradigma é que o inimigo se torna explícito, marcado, difuso e se encontra por toda parte. Assim, a dimensão da vigilância e da suspeita encontram terreno fértil para dominar, segregar, controlar e exterminar. Instaura-se uma nova lógica que funda a suspeição e organiza o laço social, apresentando novos desafios para o campo transferencial.

Na composição do capítulo 3 – “agalma e deslocamento na transferência desde o *banquete* de Platão” –, encontra-se uma revisão do termo “agalma” a partir do seu aparecimento na filosofia grega e de suas atualizações na psicanálise a partir de Lacan. Nesse capítulo, o leitor é brindado com um retorno a Platão e à discussão sobre o amor, juntamente com as elucidações deixadas por Lacan.

Além disso, encontra-se também uma análise do esquema óptico lacaniano como recurso operacional clínico-político, que permite investigar o mal-estar da herança colonial e identificarmos

as vias essenciais para operar com a transferência, na atualidade, em relação à subjetividade colonizada, dando-os as coordenadas quanto à interpretação e desmontagem das defesas. Trata-se de uma perspectiva inédita que leva o leitor a não desconsiderar que a dimensão transferencial atravessa os séculos e se apresenta sob nova roupagem.

Já no capítulo 4, “o sujeito suposto: saber e gozo”, a autora se ocupa da relação com a verdade e o saber, apresentando a dupla vertente da transferência, as mudanças e os avanços feitos por Freud e Lacan. Atenta às atualizações que o conceito recebeu no interior da psicanálise “freudolacanianana”, conduz o leitor a seguir o fio de sua investigação apontando orientações precisas e rigorosas com o último ensino de Lacan, tomando as concepções de *falasser*, a língua, corpo e gozo, a fim de ampliar as possibilidades de operação para o psicanalista e os deslocamentos necessários da teoria frente ao que o mundo contemporâneo nos confronta.

A autora ainda apresenta de modo muito preciso a estrutura lógica da transferência, o que permite ir além da clínica e operar sobre os efeitos da colonização a partir do recurso teórico. Essa perspectiva permite interrogar os impactos da lógica neoliberal que incidem também na figura do psicanalista hoje, principalmente quanto aos efeitos tecnológicos que tomaram a clínica de surpresa a partir da pandemia de Covid-19. Portanto, interessa-nos essa atualização, uma vez que o lugar do psicanalista também foi deslocado da lógica do saber para a lógica da suspeição.

No capítulo 5, “a dimensão real e decolonial na transferência: anos 1970”, encontram-se os articuladores conceituais da teoria lacanianana, com seus novos aportes que favorecem outros modos de pensar a clínica. A autora formula questões complexas para o leitor, aponta o deslocamento do lugar de saber do psicanalista para o lugar daquele que interroga o real que nos confronta. Com essas mudanças de paradigmas, persiste a necessária interrogação quanto aos processos de dominação e subjugação aos ideais que nos colocam face a face com o gozo do dominador.

Ainda nesse capítulo, o leitor encontrará o esquema de montagem do poder, identificando como a psicanálise pode operar em relação a essa estruturação. Soma-se a isso uma nova chave de leitura dos efeitos do processo de colonização e dominação que nos anima com a identificação de fissuras que tornam esse processo não-todo, permitindo a criação de novas formas de resistência a esse poder.

A partir do último ensino de Lacan, partindo da perspectiva da incidência do traumatismo da linguagem sobre o corpo, somos orientados a operar com a transferência em um novo esquema interpretativo que não visa ao sentido, mas indica a leitura da marca que já estava lá. Algo novo para o trabalho do psicanalista. Há no texto uma organização didática quanto aos novos modos de operar com a interpretação em relação ao equívoco e não ao sentido.

Finalmente, no capítulo 6, “o sujeito suposto *suspeito* de nossa época e suas inflexões clínicas”, a autora remete o leitor ao contexto de guerras e de mortes em massa que sempre estiveram no horizonte da psicanálise. Porém, naquela época, o amor, a hostilidade e o saber compunham a matriz estrutural da transferência. Mas, hoje, este livro nos permite afirmar que a indiferença se soma à matriz transferencial, impulsionada pela lógica neoliberal e necropolítica.

Desse modo, o leitor verificará o que a transferência revela em cada época e perceberá que a lógica constitutiva do inimigo se estrutura em relação aos novos modos de gozo, fazendo com o que o próximo se torne um suspeito. Assim, a proximidade do gozo do próximo ganha matizes de horror e justifica sua eliminação. Isso é confirmado na concepção de “necropolítica” de Achille Mbembe.

O sujeito tornado suspeito é aquele que poderá ser caçado, morto. E o laço orientado pelo ódio revela o gozo exterminador. O que nos anima é a possibilidade de subversão e oposição a essa lógica. Algo que precisa ser inventado cotidianamente.

A evidência do deslocamento do lugar do saber no campo da transferência mostra-nos que essa matriz já não é suficiente. Não penso que se trata de um trabalho de retorno ao saber. No tempo em que vivemos, se a suspeita se torna uma nova matriz lógica para o campo transferencial, do psicanalista é esperada uma nova forma de operar com a transferência, pois para ele também surge um novo lugar. O que o livro de Andréa Guerra nos faz pensar é que talvez seja pelo avesso que poderemos operar com essa nova lógica, ainda que sob suspeita. Cada um poderá recolher os efeitos disso e dar indicações em prática.

## Referência

GUERRA, Andréa Máris Campos. **Sujeito Suposto Suspeito**: a transferência psicanalítica no Sul Global. – São Paulo: N-1 edições, 2022.

Recebido em 16 de Janeiro de 2023.

Aceito em 08 de fevereiro de 2023.